

## PREMERIS: COLECIONISMO E GRAVURA ATRAVÉS DA REPRESENTAÇÃO DE ANIMAIS MORTOS

ROCHELE PERES BARROS<sup>1</sup>; KELLY WENDT<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – rochyperes@gmail.com rochyperes@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – kelly.wendt@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado, busca criar um imaginário e coleção de animais a partir da fauna local, a partir de imagens já existentes e fotos tiradas por mim, e tem como foco espécies de hábitos noturnos e crepusculares, também explora os conceitos da ilustração científica do desenho de observação e representação do animal por meio da gravura e do colecionismo de imagens. Propondo a criação de um imaginário visual inspirado na fauna noturna e crepuscular do Brasil, utilizando o meio da gravura e da coleção de cópias e matrizes que ela gera.

**Premenis** (Figura 1), nome em latim para prensados, são pequenas gravuras de 10cm no máximo desses animais já mortos e passados pela prensa, então a própria imagem representada é deles amassados, assim fechando um ciclo de conexão com o próprio fazer da gravura, já que é utilizado a prensa para imprimir.

Esse trabalho busca não apenas registrar essas espécies, mas também interpretar suas formas, atmosferas e narrativas, criando composições que transitam entre ciência e poesia visual. O colecionismo surge como um recurso organizativo e estético, permitindo a construção de um acervo que dialoga com a memória e com a curadoria.



Figura 1. Rochele Peres, Premenis, calcogravuras em ponta seca, moldura e alfinetes, 2025

O principal motivo para o uso da gravura nessa questão, **Premenis** (Figura1) se dá principalmente pelo fato de ser uma técnica que consiste a reprodução da imagem em série permitindo criar inúmeras cópias da mesma figura junto ao uso de uma matriz. Pensando assim a gravura como uma forma de coleção ou quase como uma grande variedade de figurinhas repetidas para cada animal tanto na

parte de impressões repetidas quanto na coleção de matrizes e cópias já feitas que vão se acumulando com o tempo.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho é feito através das fotografias que faço no meu dia a dia e uso como referencia, organizando uma curadoria dessa coleção de imagens. A partir delas elaboro a gravura, onde permite a possibilidade de reprodução e criação de um “bando”, pelas várias cópias que a gravura possibilita, assim escolho a técnica a ser utilizada, nesse trabalho, **Premieris**, foi elaborada na calcografia utilizando a ponta seca para marcar o a placa de fenolite (material utilizado na substituição da placa de cobre) feito de plástico com uma fina camada de cobre muito utilizado na eletrônica na produção de placas de circuito impresso.

Assim, ao não apenas registrar essas espécies, mas também interpretá-las por meio da gravura, busco construir um imaginário que conecta ciência e a arte. E a partir dessa abordagem interdisciplinar contribuir para a divulgação científica, a conscientização ambiental e a preservação da biodiversidade, ao mesmo tempo em que proponho novas formas de se perceber a natureza.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção de um imaginário visual da fauna brasileira noturna e crepuscular ocorre a partir da junção entre a observação, a interpretação artística e as técnicas escolhidas para fazer os trabalhos. O processo de tradução das referências visuais para o meu traço não se limita apenas à reprodução, mas sim um diálogo entre a ilustração científica e a gravura, utilizando-as como ferramentas para esse processo de memória/repositório visual (CORREIA, 2011).

O trabalho consiste assim de pequenas gravuras justamente para criar no observador essa vontade de se aproximar do trabalho para conseguir enxergar e compreender o que está sendo representado, além de que a escolha desses animais representados se dá pela minha própria vivência de serem animais dos quais já encontrei em algum momento da vida, do trabalho **Premieris** em específico sendo de fotos que eu mesma tirei, e que são considerados pragas pelos seres humanos ou nojentos vindo do significado da palavra em si, animais que causam nojo, asco; que provocam repugnância, assim com o tamanho pequeno e detalhamento do trabalho, busco trazer uma aproximação do espectador a esse animal, já que é necessário essa aproximação da tela ou gravura para realmente ver ela por completo, o obrigando a fitar essa imagem por um tempo.

“Praticar o fitar não é simplesmente acumular recepção, mas serve ao propósito de ordenar (ordonar) o visível. A imagem retira seu significado do fitar, tanto quanto o texto vive da leitura” (BELTING., 2005, P.9)

Além de trazer através dessas imagens a presença de algo que já não se encontra mais como já foi, fazendo assim da morte parte da criação dessa imagem trazendo apenas a imagem desse animal já morto como sua presença, encenando a ausência dele (BELTING 2005).

Em *Premeris* também me aproprio da forma que se expõem animais pequenos e insetos quando os vemos em museus naturais, assim como fez Walmor Corrêa no trabalho *Gaveteiro Entomológico*, em uma espécie de caixa em que a cor do fundo de destaque ao animal e o animal preso no lugar com alfinetes para que ele não saia da posição desejada. Dessa maneira, a pesquisa se desdobra não apenas na coleta e organização das imagens, mas também na maneira como elas são transformadas no processo criativo. O resultado é um conjunto de obras que não só documentam essas espécies, mas também trazem sensações e novas percepções sobre esses seres junto a proximidade a eles.



*Figura 2. Detalhe da obra Premeris*



*Figura 3. detalhe da obra Gaveteiro Entomológico de Walmor Correa*

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa sobre a construção de um imaginário visual da fauna brasileira noturna e crepuscular demonstra como a interseção entre ilustração científica e a gravura possibilita novas formas de representação e interpretação dessas espécies. Ao não realizar somente a documentação, o processo criativo se torna um espaço de experimentação, onde a precisão científica dialoga com a expressividade, resultado em imagens que evocam não apenas conhecimento, mas também sensações e narrativas visuais assim como uma valorização desse animal comumente considerado nojento.

A partir desses trabalhos penso o colecionismo das imagens e das gravuras, quase como se estivesse montando um pequeno inventário ou museu de animais e visões sobre a morte e o noturno e do próprio mundo zoo, criando assim o animalário dos animais os quais eu passo e vejo no meu dia a dia, tal qual faz a escritora e professora Maria Esther Maciel na pequena enciclopédia de seres comuns, onde são listados, marias, joãos, viúvas e híbridos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BELTING, H.** (2020). **Por uma antropologia da imagem.** Revista Concinnitas, 2(8), 64–78. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/55319>

**DIDI-HUBERMAN, Georges.** **L'Empreinte.** Adaptação e tradução de Patrícia Franca para o Mestrado em Artes Visuais da EBA-UFMG, 1997

**BENJAMIN, Walter.** **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** 12. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017. 176 p. (Coleção L&PM Pocket). ISBN 978-85-254-3716-7..

**MACIEL, Maria Esther** (1963-) **Pequena enciclopédia de seres comuns:** Maria Esther Maciel Ilustrações: Julia Panadés São Paulo: Todavia, 1a ed., 2021

**CORREIA, Fernando.** **A ilustração científica: “santuário” onde a arte e a ciência comungam.** Visualidades, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 221–239, jul./dez. 2011.